

Unidade I – Línguas Bíblicas – resumo contextual por Carlos Xandelly

abril 2019

As línguas originais da Bíblia: o hebraico, o aramaico e o grego.

Bíblia, escrita em dois idiomas da família semítica: o hebraico e o aramaico.

Por que é tão importante estudar Línguas Bíblicas?

Esse tema é muito importante para o estudante de teologia ou biblista, pois o estudo lingüístico é fundamental para aqueles que querem conhecer mais profundamente o que o texto está querendo transmitir. Também existe uma questão importante: muitas traduções são interpretações, e não traduções propriamente ditas. O conhecimento das línguas originais é fundamental para que o estudante não cometa erros e, assim, faça interpretações equivocadas. Portanto, há a necessidade de conhecer essas línguas tão antigas.

Versões traduzidas escritas em Grego: Septuaginta, a Vulgata, a versão siríaca (Peshitta)

ORIGEM DO ALFABETO

Segundo Heródoto, foram os FENÍCIOS que introduziram aos gregos, entre outras artes, a KADMEIA ou PHOENIKEIA GRAMMATA (que são os caracteres cádmijs ou fenícios).

Os Gregos adquiriram o alfabeto através da mediação fenícia.

Segundo Platão, a invenção do alfabeto é dos egípcios, crendo e narrando que a criação pertencia ao “deus” inventor: Theuth (o inventor)

Atualmente, aceita-se que a origem do alfabeto está relacionada aos egípcios; ou pelo menos foram inspirados por eles (AZEVEDO, 1994, p. 4).

TEORIAS A RESPEITO DO ALFABETO

Existem muitas teorias a respeito da origem do alfabeto, as 8 mais importantes:

- 1- **Teoria Egípcia:** Essa teoria egípcia da invenção do alfabeto já não é mais aceita hoje em dia. Essa teoria foi dividida em três categorias: a) a derivação hieroglífica do alfabeto sugerida por Champollion e Lenormand; b) a teoria hierática apoiada por De Rouge e Ullman; c) e a teoria demótica reivindicada por Bauer. Uma nova luz sobre o mundo antigo tem mudado essas teorias.
- 2- **Teoria Cuneiforme:** Jansen (apud AZEVEDO, 1994, p. 5) declara que Deecke sugeriu em 1877 a teoria cuneiforme para a origem do alfabeto. Deecke tentou comparar os sinais cuneiformes da escrita assíria com o alfabeto fenício linear. De acordo com ele, essa teoria foi desenvolvida por um caminho não metodico. A teoria de Deecke foi completamente rejeitada. Embora exista uma considerável quantidade de inscrições do alfabeto cuneiforme, atualmente não existe uma teoria sugerindo que o alfabeto proto-cananeu linear venha do alfabeto cuneiforme. Pelo contrário, todas as evidências indicam que o alfabeto cuneiforme foi baseado em um alfabeto já em existência na Sírio-palestina. De acordo com Hans Bauer, o alfabeto cuneiforme se remonta a cerca de 1400 a.C. e a sequência de letras é a mesma que o alfabeto fenício. A primeira tinha de 29 a 30 letras enquanto que a última tinha 22 letras (AZEVEDO, 1994, p. 6).

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

- 3- **Teoria de Creta:** Essa teoria levantou-se com a descoberta por Sir rthur J. Evans em 1894 das antigas inscrições em Creta. Evans acreditou que o alfabeto semítico foi importado de Creta. H. Schneider aderiu a esta teoria. Recentemente, Jan Best e Fred Woudhuize tem demonstrado que Creta, pelo contrario, importou essa escrita da costa Fenícia(AZEVEDO, 1994, p. 6).
- 4- **Teoria Chipre-minóica:** F. Praetorius sugeriu uma comparação entre a escrita chipre-minóica com o antigo alfabeto fenício. Essa teoria não tinha resistido as evidencias arqueológicas. As inscrições chipriotas são todas de um período posterior ao do material epigráfico fenício. Todavia, a escrita chipriota e uma descendente cretense, como mostrado por Best e Woudhuize (AZEVEDO,1994, p. 7).
- 5- **Teoria Hitita:** A.H. Archibald Henry Sayce reivindicou que a antiga escritura semítica e uma invenção independente de pessoas familiarizadas com o hieróglifo hitita. Essa teoria carece de suporte de evidencia arqueológica e epigráfica (AZEVEDO, 1994, p. 7).
- 6- **Teoria Sinaítica:** Afirma que os hieróglifos egípcios motivaram a invenção do alfabeto em algum lugar da Siro-palestina. Atualmente essa e a teoria mais aceita sobre a origem do alfabeto. Dentre os eruditos que apóiam essa teoria estão: Sir Alan Gardiner, J. Leibovich, e W. F. Albright (AZEVEDO, 1994, p. 7). Essa teoria foi baseada primeiramente na escrita proto-sinaítica encontrada em Serabit el-Khadem por A. M. Flinders Petrie, e de como os sinais foram acrofonicamente concebidos. Aqueles que inventaram isso foram os semitas, aqueles que foram trabalhadores nas minas egípcias na península do Sinai.¹² As inscrições foram datadas ao redor de 1500 a.C., baseadas nos artefatos egípcios encontrados no mesmo lugar. Porém, essa hipótese pode ser questionada hoje em dia. E o ponto para ser questionado não é o fato de que os mineiros foram semitas, mas sim, desse evento marcar o ponto de início da origem do alfabeto. Inscrições, aparentadas a escrita proto-sinaítica, tem sido encontradas fora da península do Sinai, em Gezer, Shechem, e Lachich, datadas entre 1700-1550 a.C. (AZEVEDO, 1994, p. 8). De fato, a invenção do alfabeto foi inspirada pela escrita egípcia, mas o que nao e conhecido e o seu mediador e quando essa escrita foi usada pela primeira vez na Palestina. Existem muitas inscrições proto-cananeias datadas antes de Serabit el-Khadem e elas foram localizadas em direcao a parte central e sul da Palestina, mais próximas das cidades costeiras, que Serabit el-Khadem. As cidades costeiras da Palestina tinha uma forte relação com o Egito e as Ilhas Egéia,durante ou mesmo antes de Serabit el-Khadem.
- 7- **A teoria da 12ª dinastia como uma maneira de escrever nomes estrangeiros:** A hipótese desta teoria foi recentemente proposta por B. Sass. Ele afirma que a datação das inscrições de Serabit el-Khadem são também posteriores e deveriam ser colocadas durante a 12a dinastia e não durante a 18a dinastia como foi estabelecida por W. F. Albright e J. Leibovitch. Acredita-se que o alfabeto foi usado durante a 12a dinastia como uma maneira de escrever nomes pessoais estrangeiros, e utilizava um tipo de escrita alfabética para escrever aqueles nomes estrangeiros. No entanto, esse sistema foi abandonado. Além disso, acrofonia não era nada novo, pois no reino médio os egípcios o empregaram nos escritos criptográficos. Essa teoria pode ser resumida dessa forma: os inventores foram os semitas vivendo em contato próximo com o Egito durante a 12a dinastia, na qual viram a possibilidades de usar apenas os sinais alfabéticos para formar um alfabeto independente que poderia sustentar-se a si mesmo.
- 8- **A teoria pseudo-hieroglífica.** Essa teoria, projetada por M. Dunand, foi intencionalmente deixada para o final. O ponto de vista de Dunand e que o proto-hieroglífico contem uma língua semítica. E. Dhorme publicou uma tradução de todo o material proto-hieroglífico então disponível. Dhorme levantou a mesma conclusao de que o proto-hieroglífico foi escrito em uma língua semítica. Para Dunand, o proto-hieroglífico derivou-se de uma influencia egípcia, guiado por um posterior desenvolvimento do alfabeto fenício, pela simplificação de sua escrita silábica para o alfabeto linear. De acordo com a teoria de Dunand, a principal evidencia

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

paleográfica para a lacuna entre o proto-hieroglífico e o alfabeto fenício são as inscrições de Abdo, a inscrição real de Shafaba'al, e a espátula de Asdrubal. Porém, o principal problema com essa teoria é que Dunand sugeriu que o alfabeto linear fenício tem como seu antecessor a escrita proto-hieroglífica. Segundo a F. M. Cross (apud AZEVEDO, 1994, p. 11), isso é impossível porque a escrita fenícia pode ser totalmente traçada da escrita proto-cananeia do período do final da Idade do Bronze. Além disso, as datas usadas por Dunand para as inscrições de Abdo, Shafatba'al e a espátula de Asdrubal, são muito anteriores. Ele datou essas inscrições para o XVII século a.C. Segundo Azevedo (1994, p. 11), "apesar da teoria de Dunand não encontrar aderentes, não existe razão para negligenciar essa teoria devido a teoria proto-sinaítica nunca ter sido satisfatoriamente demonstrada".

A origem da escrita e, conseqüentemente do alfabeto, é tradicionalmente atribuída a região do Extremo Oriente. **Existem quatro fases**, desde o início a formação e utilização do alfabeto, pelos mundos oriental e ocidental.

- 1- **Mesopotâmia: a escrita cuneiforme:** O sistema mais antigo, criado na Mesopotâmia depois de 3500 a.C., foi um sistema pictográfico; aperfeiçoou-se até converter-se em um sistema fonético. Os acádios o utilizaram, assim como em Ugarit. Era um sistema de grande versatilidade e foi adotado como meio de expressão gráfica para diferentes línguas. Influenciou também no desenvolvimento de outros sistemas cuneiformes: a escritura alfabética de Ugarit e o sistema silábico do persa antigo, composto de 51 sinais. A escrita cuneiforme se estendeu pela Anatólia no período de implantação das colônias comerciais assírias nessa região (2000-1800 a.C.). Os hititas adotaram este sistema para escrever em sua língua e nas línguas vizinhas. Os hurritas e os povos de Urartu adotaram também a escrita cuneiforme no segundo milênio a.C.
- 2- **Egito: a escrita hieroglífica:** surgiu no Egito ao final do terceiro milênio a.C. Nasceu plenamente desenvolvida e sem vestígios de alguma evolução prévia, ao contrário do que aconteceu com escrita cuneiforme na Mesopotâmia. Somente cabe supor, que os egípcios tomaram dos Sumérios alguns elementos básicos da escrita, aos quais imprimiram um caráter novo. Os sinais não representavam sílabas, somente consoantes. Os sinais uniconsonânticos ou alfabéticos constituem uma característica chamativa e única do sistema de escrita egípcio. Sua adaptação a essa língua do grupo afro-asiático é perfeita. É possível reconstruí-la por meio das inscrições dos termos hebraicos na escritura cuneiforme silábica ou também a partir da língua copta, que constitui a última etapa na evolução do egípcio e escrevia-se com os caracteres gregos com a inclusão das vogais. A escritura hieroglífica era utilizada normalmente nas inscrições em pedra. A escrita no papiro com pluma e tinta, conduziu desde muito cedo ao desenvolvimento de uma escrita mais cursiva, chamada de hierática. No final do século VIII a.C. introduziu-se nas cartas e documentos oficiais o uso da escrita demótica, ainda mais simplificada e de caracteres mais ligados. As três formas de escrita coexistiram durante vários séculos. Nos séculos IV-V d.C. a escrita hieroglífica entrou em decadência e já a partir do século III d.C. adotou-se o alfabeto grego para escrever o egípcio, dando origem dessa maneira ao copta.
- 3- **Síria e Palestina: o alfabeto:** O alfabeto constitui-se em uma das grandes invenções da história da humanidade. Sua origem teve lugar no âmbito cultural sírio-palestino, cruzamento das culturas mesopotâmica e egípcia. No ano de 1929 foram descobertas em Ugarit centenas de tabuinhas datadas nos inícios do século XIV a.C. e escritas em um tipo de escritura cuneiforme, que servia-se de só 29 sinais, pelo que tratava-se de uma escritura alfabética. Mas, a escrita alfabética mais antiga foi encontrada em 25 inscrições na península do Sinai, provavelmente de uma data ao redor de 1500 a.C., mas que podem ser remontadas em mais ou

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

menos pelo ano 1800 a.C. (durante a XII dinastia). F. M. Cross (apud Treballe Barrera, 1998, p. 91) classifica os **textos alfabéticos mais antigos em duas classes**:

- **textos proto-cananeos**: palestinos antigos (séculos XVII-XII a.C.) - inventada em torno de 1700 a.C. pelos semitas cananeus que tinham um certo conhecimento da escrita egípcia. Os sinais estão desenhados para serem escritas com pluma e com tinta. Antes do século XI a escrita proto-cananeia conheceu outras derivações: por volta do ano 1300 origina-se a escrita proto-arabica, da qual deriva-se o etíope, e no ano 1100 surge a escrita grega arcaica.
- **proto-sinaíticos** (século XV) - formam os textos cuneiformes cananeus: ugaríticos (séculos XIV-XIII) e palestinos (séculos XIII-XII).

A escrita era feita em qualquer direção: horizontal (direita a esquerda, e esquerda a direita), e vertical. Porém, a escrita vertical desapareceu por volta de 1100 a.C.

Além dos fenícios, também os povos arameus, amonitas, edomitas, moabitas e israelitas adotaram o alfabeto cananeu. A escrita fenícia deu origem mais tarde a escrita púnica nas colônias fenícias ocidentais, principalmente em Cártago. A difusão do aramaico levou consigo a difusão do uso do alfabeto, a expensas da escrita cuneiforme. A escrita aramaica das cidades-estado da Síria chegou a ser a escrita da diplomacia e do comércio nos impérios neo-assírio, babilônico e persa. Depois da queda do império persa, começaram a desenvolver as escritas nacionais derivadas da escrita cursiva aramaica do período persa recente. No norte da Arábia e na Transjordânia desenvolveu-se a escrita nabateia. Uma forma cursiva dessa escrita é o antecedente imediato da escrita árabe. No leste surgiram a escrita palmirena e a síriaca, a escrita do reino de Aśoka no noroeste da Índia no século III a.C., e as escritas iranianas dos partos e sassânidas.

A Bíblia contém 429 referências a escrita e a documentos escritos. Isso é significativo, principalmente quando levamos em conta que a Ilíada de Homero não oferece mais que uma só referência a escrita e a Odisseia não oferece nenhuma.

Do século X a.C. ao século II d.C. o hebraico escrevia-se em uma forma de escrita fenícia, o paleo-hebraico, que aparece ainda em uso em alguns manuscritos do Mar Morto (1 QPaleoLeva) e nas moedas judaicas da época asmoneia. Ainda assim, no século III a.C. os judeus já haviam adotado os caracteres da escrita aramaica ou “quadrada”, que havia tido um desenvolvimento independente a escrita fenícia. Essa forma de escrita quadrada ou aramaica permaneceu em uso até os dias de hoje e é utilizada nas edições modernas da Bíblia Hebraica. Existem **três fases na evolução da escrita judaico-aramaica**:

- judaica antiga (250-150 a.C.),
- asmoneia (150-30 a.C.)
- herodiana (30 a.C.-70 d.C.)

Até o período compreendido entre os séculos V e VII d.C. não chegou a desenvolver-se um sistema de notação vocálica. Os sistemas vocálicos palestino e babilônico eram supra-lineares; o tiberiense, **infralinear**. Esse último, introduzido a finais do século VIII, e substituiu aos outros dois sistemas, e é o **utilizado nas bíblias hebraicas na atualidade (sistema infralinear)**. A escrita asquenazi é mais angulosa, a sefardi mais redonda e a italiana evoluiu até converter-se na forma de escrita denominada Rashi (século XI d.C.). A escrita samaritana é uma forma mais ornamental da antiga escrita fenícia ou paleo-hebraica.

- 4- **Grecia: adoção do alfabeto cananeu**: Por volta do ano 2000 a.C. a cultura minóica desenvolveu na ilha de Creta um sistema de escrita hieroglífica, que ainda não foi decifrada. Essa escrita deve ser lida da esquerda para a direita ou pelo **sistema de bústrofédon**, quer dizer, de esquerda a direita em uma linha e da direita

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

para a esquerda na linha seguinte. Nos séculos XVII-XVI a.C. este sistema foi substituído por um de escrita cursiva conhecido como **Linear A**. Esses sistemas compõem-se de 100 sinais; as línguas de tais sistemas não foram identificadas. Os textos mais recentes provêm de ao redor de 1450 a.C. Os micênicos, que ocuparam Creta de 1450 até pelos menos 1375 a.C, introduziram a escrita **Linear B**, a qual se deriva da linear e que foi utilizada até a destruição desta cultura na Grécia continental pelo ano de 1200 a.C. Trata-se de uma escrita silábica; a sílaba se compõe de consoante e vogal ou somente de vogal. A direção da escrita é da esquerda para a direita. A adoção da escrita fenícia para escrever o grego se produz em torno ao ano 1100 a.C., data que alguns autores adiantam e outros atrasam. Heródoto (século V a.C.) faz referência a uma tradição segundo a qual um personagem lendário, chamado Cadmos, foi quem introduziu na Grécia a escrita fenícia. A origem semítica da escrita grega fica provada pela semelhança de forma, valor fonético e a ordem das letras em ambos alfabetos. Depois de um período de escrita pelo sistema bustrofedon, passou-se definitivamente a escrita de esquerda a direita. Não havia separação entre as palavras. Na metade do século IV a.C. o alfabeto jônico substituiu a todos os demais alfabetos locais e converteu-se no alfabeto clássico dos 24 grafemas. Logo desenvolveu-se um tipo de escrita cursiva, utilizada sobretudo em documentação contábil. A escrita **uncial**, em caracteres maiúsculos e em geral sem acentos, sobreviveu até o século XII d.C. Por volta do ano 800 d.C. introduziu-se outra escrita em caracteres minúsculos. O alfabeto grego deu origem a todos os europeus, no Ocidente por meio do etrusco e do latino, e no Oriente por meio do cirílico.

LÍNGUAS SEMÍTICAS

As duas línguas da **Bíblia Hebraica**, são o **hebraico e o aramaico**, e ambas pertencem a família das línguas “semíticas”, palavra derivada do nome Sem, um dos filhos de Noé. Ao parecer, os semitas originalmente proviam da península da Arábia. As numerosas migrações para a Mesopotâmia, Síria, Palestina e algumas regiões da África deram como resultado mudanças graduais na língua e, por conseguinte, o desenvolvimento de diferentes línguas, embora relacionadas entre si. O nome Semítico é convencionalmente aplicado ao grupo de línguas faladas na Ásia ocidental, ou geralmente originadas dessa área, e caracterizada por um longo número de elementos em comum em sua fonologia, morfologia, vocabulário e sintaxe; também compartilham certa tendência comum em sua evolução.

Esses elementos, preservados apesar do lapso de tempo e mudança de lugar, sugerem a idéia de uma origem comum; em todos os eventos, eles se caracterizam e se separam em um grupo lingüístico possuidor de um notável grau de unidade interna.

O adjetivo “Semítico”, termo que designa aos descendentes de Sem, foi utilizado pela primeira vez por A. Schlozer em 1781, como uma designação das línguas faladas pelos arameus, os hebreus, os árabes, e outros povos, com base a Gen. 10,21-31; 11,10-26. Vale dizer que a “Tabela das Nações” está em Gen.10. Uma vez introduzido, o adjetivo “Semítico” foi aplicado a todas as línguas do grupo, incluindo aquelas subseqüentemente descobertas. As afinidades descobertas entre as várias línguas tem, de fato, sido reconhecidas muito antes do tempo de Schlozer; mas o grupo em si mesmo não tinha como ser identificado e marcado como tal. Essas línguas, semelhantes a outras na Ásia, tinha sido referidas geralmente como “Línguas Orientais”

As línguas semíticas ocuparam nos tempos antigos as seguintes regiões da Ásia ocidental (do leste ao oeste): Mesopotâmia, Síria-Palestina, Arábia. A costa que fica em frente do sudoeste da Arábia recebeu ondas de migrações por populações semitas (e assim pelas línguas semíticas) de outra região: Etiópia, Mesopotâmia, Síria-Palestina, Arábia, e, portanto, o antigo habitat das línguas semíticas. Além dessa área ter sido espalhada somente como resultado de desenvolvimento secundário, isto é, a migração, colonização, ou conquista.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

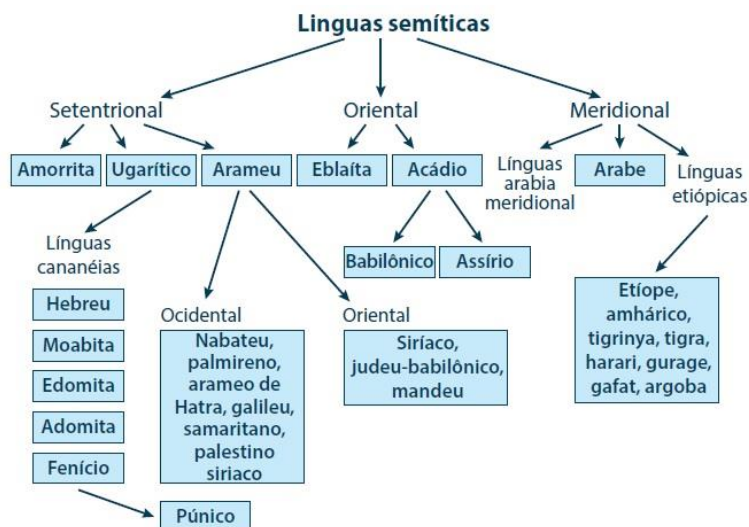


Figura 6 - Mapa das línguas semíticas
 Fonte: História Digital ([2016], on-line)⁵

O agrupamento das línguas semíticas esta usualmente baseado na sua distribuição geográfica, de forma geral, seria: Nordeste Semítico (Mesopotâmia), Noroeste Semítico (Siria-Palestina), e Sudoeste Semítico (Arábia e Etiópia). E obvio que essa divisão esta intimamente conectada com a dos povos que falavam essas línguas semíticas.

- **Semítico do Noroeste:** Mostra notáveis variações internas que refletem a complicada historia da Síria e Palestina. A grosso modo, e o cananeu em suas distintas formas: hebraico, moabita e edomita por um lado; e ugarítico, fenício e punico por outro lado;
 1. **Hebraico.** Incluindo o período bíblico cuja literatura pode ser datada aproximadamente entre 1200 e 200 a.C. que e suplementada por inúmeras inscrições; o período pós-bíblico, iniciando com a literatura apócrifa e os documentos recentemente descobertos próximo ao Mar Morto (segundo e primeiro século a.C.) e continuando com os escritos rabínicos do primeiro século da era crista (Mišnā, Tōseftā, Midrāš); a literatura poética, filosófica, e exegética da Idade Media e dos tempos modernos; e finalmente o hebraico moderno, correntemente falado em Israel;
 2. **Moabita.** A língua moabita e representada pelas inscrições do rei Mēša', de Moabe do IX século a.C. Essa inscrição, de acordo com os mais recentes estudos, pode, ainda, ser considerada como um texto hebraico, pertencente a um dialeto central palestino, tendo sido possivelmente elaborado por um israelita a serviço do rei de Moabe;
 3. **Edomita.** O edomita era a língua do reino de Edom, situado ao oeste do Jordão, entre o Mar Morto e o golfo de Aqaba. O mesmo que Moabe, também o reino edomita esta presente no Antigo Testamento. A documentação epigráfica conservada, datada entre os séculos IX e IV a.C., e escassa, mas revela certas características linguísticas próprias;
 4. **Ugarítico.** A língua dos textos descobertos em Ugarit (Rās Šamra) e pertencente ao XIV e XIII seculo a.C. Tem havido muitas discussões quanto a colocação tipológica dessa língua dentro da estrutura das língua semíticas ;
 5. **Fenício e Púnico.** Representados pelas inscrições de antigas cidades fenícias (pode ser datado entre o décimo e os primeiros séculos a.C.) e por aquelas de suas próprias colônias (entre o IX século a.C. e o II século d.C.). Os fenícios por meio de suas colônias exportaram a língua fenícia a boa parte da costa mediterrânea. O púnico no que e possível também apreciar diferenças dialetais, e o fenício falado e escrito nas colônias fenícias do norte da África, em Cartago (fundada por Tiro) a arredores, testemunhado a partir do século V-IV a.C.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

- **Semítico do Norte:** E basicamente o aramaico, subdividido em dois grupos: 1- O grupo ocidental inclui o aramaico da Bíblia, o dos targumim, e o da Guemara do Talmude palestino, assim como o samaritano e o nabateu. 2- O grupo oriental formado pelo aramaico do Talmude babilônico e o siríaco das traduções bíblicas e de escritos cristãos e mandaicos (TREBOLLE BARRERA, 1998, p. 64). O aramaico forma uma considerável e mais extenso grupo linguístico cuja primeira manifestação remonta ao início do primeiro milênio a.C. e que ainda sobrevive, em poucos remanescentes, ao dia de hoje. Moscati distingue uma fase antiga (ou aramaico antigo), até o I século a.C., a uma subsequente divisão em duas ramas, o aramaico do oeste (o qual parece ter sido a continuação mais direta do antigo aramaico) e o aramaico do leste;

I. ARAMAICO ANTIGO

- a. Aramaico Antigo é uma língua (com algumas variantes dialetais) das mais antigas inscrições originadas de Damasco, Hama, Arpad, Šam'al são de especial importância, devido a suas características independentes, e representa o tipo de aramaico conhecido como Ya'udic (derivado de nome do estado de Šam'al Ya'udi).
- b. O Aramaico clássico ou imperial é a língua usada sob os impérios assírio, babilônico e persa (VII ao IV século a.C.) continuou por certas ramas dentro do período o qual seguiu. O tipo de aramaico clássico ou imperial, encontrado em certas partes do Antigo Testamento.

II. ARAMAICO DO OESTE

- a. O nabateu é a língua de uma população (eticamente) árabe que se estabeleceu em Petra e floresceu entre o I século a.C. e o III século d.C. Um papiro na bateu foi descoberto entre os documentos do Mar Morto, e inscrições nabateias tem sido identificadas em lugares tão distantes como Grécia e Itália.
- b. O palmireno é a língua de uma população (eticamente) árabe que estabeleceu um estado em Palmira e floresceu entre o I século a.C. e o III século d.C. Inscrições palmirenas tem sido encontradas em lugares tão distantes como a Inglaterra.
- c. O aramaico judaico palestino é língua que foi falada na Palestina nos tempos de Cristo e durante os primeiros séculos da era crista. Em fontes literárias e encontrado no Genesis Apocryphon (descoberto entre os documentos do Mar Morto) e o Targum Palestino (do qual um manuscrito completo foi identificado na Biblioteca do Vaticano por Diez Macho). O aramaico judaico palestino sobreviveu acima de tudo a um corpo considerável de textos pós-bíblicos do segundo ao V século d.C.; esses podem ser divididos em em dois grupos, um deles começando pelo Targūmīm de Onkelos e o de Jonatan, e o outro pela variedade galiléia (alguns Midrāšīm e pelo Talmude de Jerusalém).
- d. O aramaico samaritano é a língua do Targūm Samaritano ao Pentateuco (provavelmente do IV século d.C.) e de alguns escritos tardios.
- e. O aramaico cristão palestino é a língua usada pelos Melkitas entre o V e o VIII séculos d.C.; Esta escrito em caracteres siríacos e é testemunhado em muitas passagens do Antigo Testamento, Lecionários dos Evangelhos, e escritos litúrgicos

III. ARAMAICO DO LESTE

- a. O siríaco, originalmente a língua de Edessa, posteriormente desenvolveu uma rica literatura crista estendendo do terceiro ao XIII século d.C., embora tenha sido geralmente substituída, como uma língua falada, pelo árabe durante a grande conquista islâmica do VIII século d.C.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

- b. O aramaico babilônico é a língua dos judeus babilônicos, proeminentemente representado no Talmude Babilônico (do quarto ao sexto séculos d.C.) e em uma série de textos mágicos compostos no V e VI séculos d.C.
 - c. O mandaico é a língua da seita gnóstica dos mandaicos que floresceram na Mesopotâmia, seus escritos se estenderam do III ao VIII século d.C.
- **Semítico do Leste (ou Nordeste):** Compreende o acádio, língua falada na Mesopotâmia no período pré-cristão. O nome dessa língua deriva da cidade de Acade, a capital do império de Sargom, o grande (2350-2294 a.C.). As suas línguas filiais são: assírio e babilônico (TREBOLLE BARRERA, 1998, p. 64). As principais fases do acádio são: 1- o antigo acádio; 2- o babilônico, e 3- o assírio (MOSCATI et al., 1980, p. 6), conforme abaixo:
 1. **A fase do antigo acádio.** Pode ser datado entre 2500 e 2000 a.C. aproximadamente, devido a extensão limitada de nossa documentação, pois muitos poucos textos da Assíria sobreviveram, fica praticamente impossível estabelecer claramente uma diferenciação definitiva do dialeto.
 2. **A fase do Babilônico.** Esse dialeto da parte da região sudeste, esta dividido em antigo babilônico (cerca de 2000-1500 a.C.) com muitas variações dialetais, o babilônico médio (cerca de 1500-1000 a.C.), e o novo babilônico (cerca de 1000 a.C. até o início da era cristã). A mais recente fase do novo babilônico (cerca de 600 a.C.), caracterizou-se pela infiltração de palavras aramaicas e peculiaridades lingüísticas, e mais especialmente chamado de babilônico tardio (ou do alemão "Spatbabylonisch"), embora a língua literária usada entre 1400 a 500 a.C. na Babilônia bem como na Assíria (e diferindo consideravelmente da língua falada) pode ser referida como babilônico mais tardio (ou do alemão "Jungbabylonisch").
 3. **A fase do assírio.** O assírio e o dialeto da parte norte da região, esta dividido em antigo assírio (cerca de 2000-1500 a.C.), com texto principalmente de origem capadócio, assírio médio (cerca de 1500-1000 a.C.), e novo assírio (cerca de 1000-600 a.C.). Esse último é fortemente aramaizado já na última fase.
- **Semítico do Sul:** Inclui o árabe e o etiópico. Em épocas passadas o árabe era praticamente a única via de aproximação ao estudo do semitismo antigo. Hoje pode-se dizer que o acádio substituiu o árabe nessa função. Porém, os comentários atuais aos livros bíblicos ignoram muitas referências úteis ao árabe, que enchem os comentários da primeira metade do século XX (TREBOLLE BARRERA, 1998, p. 64). Normalmente o semítico do sul esta dividido em: 1) árabe do norte; e 2) árabe do sul junto com o etiópico (MOSCATI et al., 1980, p. 13). Por questões didáticas, apresentamos seguinte divisão: a) o Árabe (do norte e do sul); e b) o Etíope. Abaixo, descreveremos o árabe e o etiópe, de acordo com MOSCATI ET al. (1980, p. 13-15):
 - **O Árabe.** O termo "árabe" é um complexo lingüístico abarcando todas as línguas da península arábica - com exceção de algumas infiltrações aramaicas (na bateu e o palmireno) no extremo norte. Esse complexo contém muitas divergências dialetais e pode ser dividido em:
 - a. **Antigo ou árabe epigráfico do sul.** Esta dividido em vários dialetos, a saber: sabaeu, minaeu, qatabaniano, ḥaddramī, awsanian.
 - b. **Árabe pré-clássico do norte.** é uma língua encorpada numa série de inscrições com as quais podem ser datadas, aproximadamente, do V século a.C. ao VI século d.C., podendo ser dividido nos seguintes grupos regionais e dialetais: ṭamūdic, liḥyānite, ṣafḥitic.
 - c. **Árabe clássico do norte.** O árabe por excelência, e atestado do IV século d.C. em poucas inscrições e em algumas amostras dialetais preservadas por escritores islâmicos. Ele alcança a sua plena realização na poesia árabe pré-islâmica e posteriormente no Alcorão (VII século a.D.); deve a sua difusão e sobrevivência ao Islã que transformou o árabe numa grande língua literária como resultado da conquista árabe e da enorme expansão de sua dinâmica religiosa. Geralmente a forma atestada do árabe clássico é o resultado de um processo de sistematização dos gramáticos árabes; seu material lingüístico é representado pela "língua padrão" (do alemão "Hochsprache") e foi alimentado pelo amplo fluxo de dialetos árabes.
 - **Etiópe:** O antigo etiópe, também conhecido como Gə'əz, e atestado primeiro em material epigráfico dos primeiros séculos d.C e, acima de tudo, na grande inscrição de Aksum do IV século d.C. Ele mais tarde desenvolveu uma extensa, predominantemente religiosa, literatura alcançando até os tempos modernos. A língua moderna da Etiópia é representada por tigrina, tigre, amharic, harari, e gurage; gafat e argobba agora estão virtualmente extintas.

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

SEMÍTICO DO NOROESTE	SEMÍTICO DO NORTE	SEMÍTICO DO LESTE		SEMÍTICO DO SUL
Cananeu	Aramaico	Acádio		Árabe
Moabita	Amorreus			Assírio
Fenício				Árabe antigo do sul
Ugarítico				
Hebraico				

Fonte: adaptado de: LASOR, HUBBARD e BUSH (2004, p. 26).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS LÍNGUAS INDOEUROPEIAS

As línguas da humanidade podem ser divididas em famílias, as famílias em ramos, e os ramos em dialetos. Todavia, será necessário oferecer aqui uma completa análise somente da família ao qual a língua grega faz parte. Além dessa designação como Indo-europeia, essa família linguística também é conhecida como Indo-Germânica ou Ariana. Dessas três designações a última é a mais conveniente, mas pode ser confundida por causa da tão frequentemente restrita as famílias de dialetos asiáticas; a segunda não é desejada por causa de dar exagerada proeminência a língua alemã, e a primeira aqui usada, embora um pouco desajeitada, é de longe a mais descritiva precisão (DANNA; MANTEY, 1959, p. 1-2). O Indo-europeu foi a língua original das tribos pré-históricas que habitavam algum lugar da região do leste da Ásia central ou o oeste da Europa central. Há evidências históricas de que eles apareceram na Europa Ocidental, e em alguns períodos extremamente antigos uma grande raça de remanescentes moveu-se do sul e estabeleceu-se na Pérsia e na Índia - daí o nome Indo-europeu. Ali desenvolveram-se sete ramos desta família, cada ramo iniciou-se representando a muitos dialetos (DANNA; MANTEY, 1959, p. 2). Esta família é representada pelas seguintes: **1) o Sânscrito; 2) o Grego; 3) o Itálico (latim); 4) o Germânico; 5) o Eslavo; 6) o Céltico; e 7) o Iraniano.** Abaixo veremos a descrição de cada um:

- Sânscrito:** A rama índia é a mais antiga representante desta família, do qual o principal dialeto conhecido é o sânscrito. A preservação do sânscrito foi em grande parte devido a seu uso nos hinos védicos, a sagrada literatura dos hindus. Restos posteriores podem ser encontradas nas leis, nos escritos épicos, e outros. Sua inflexão do substantivo e o mais desenvolvido de toda a língua, havendo oito terminações flexionais, com ocasionais traços de uma nona. O estágio mais tardio da rama índia está representada no dialeto **prakrit**. (“prakrit” e “natural”)
- Grego.** é a segunda rama mais antiga do Indo-europeu. Seus dialetos pertencem a antiguidade, a língua tornou-se unificada e universalizada muitos séculos antes da era crista. O grego é a mais literária de todas as antigas línguas, tendo produzido uma variedade de literatura corrente, iniciando com Homero cerca de 900 a.C. (DANNA; MANTEY, 1959, p. 2-3).
- Itálico (latim).** O latim é o principal dialeto do grego e além disso são próximos cronologicamente. Um antigo dialeto do itálico foi o **umbro** do norte da Itália e o osco do sul da Itália. Apenas escassos vestígios desses dialetos chegaram até nós. O latim é testemunhado pela abundância de antiga

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.

literatura, nas línguas românicas, que incluem: o italiano, o Frances, o espanhol, o português, o romeno, o catalão, entre outras (DANNA; MANTEY, 1959, p. 3)

4. **Germânico.** Desse ponto na questão da idade comparativa pode ser dispensada por falta de evidências suficientes. Se seguimos a ordem da proeminência histórica, somos levados próximos da rama Teutônica, da qual o próprio inglês e o dialeto mais amplamente distribuído. Junto com o holandês e o alemão, parece ter vindo até nós, do dialeto irmão do antigo gótico (se o alemão não for um sucessor direto do gótico), do qual as únicas literaturas sobreviventes que ainda restam são fragmentos da Bíblia traduzida por Ulfilas, o grande missionário cristão aos góticos. De antiga origem também é o escandinavo; os principais restos literários dos quais são o Eddas e as Sagas da Islandia. As línguas da Dinamarca, Suécia, Noruega, e Islandia surgiram do escandinavo (DANNA; MANTEY, 1959, p. 3).
5. **Eslavônico.** É a rama da língua Indo-europeia então distribuída na Europa ocidental e no sul. Sobrevive principalmente na Rússia, Polônia, e em alguns dos estados balcânicos. Isso é usualmente considerado como um abraço à língua letônica, a menos que elas sejam colocadas em uma classe separada da rama báltica. O búlgaro tem a mais antiga literatura, mas o russo e a língua mais amplamente distribuída (DANNA ; MANTEY, 1959, p. 3-4).
6. **Céltico.** É antiga língua da Europa ocidental, representada principalmente pelo gaules e o bretão. O irlandês, escocês, e o galês, são também dessa mesma rama (DANNA; MANTEY, 1959, p. 4).
7. **Iraniano.** A rama iraniana é representada principalmente na língua persa. Nela também estão incluídos os dialetos zend, preservado no **avêstico**, o sagrado livro da religião de Zoroastro

NOTAS FINAIS

A importância das línguas bíblicas, buscando o texto original e nota-se que, embora existem muitas traduções, algumas delas excelentes, há imperfeições nas traduções, em virtude da intenção do tradutor. Muitas vezes a Mão do tradutor, por questões ideológicas, toma caminho diferente, preferindo a interpretação e acomodação do texto, em detrimento da tradução literal.

Por isso que é sempre preferível traduzir o texto diretamente dos “originais”, e fazer sua própria tradução. Dessa forma, há importância no estudo das línguas bíblicas.

Estudamos sobre duas famílias lingüísticas: a semítica e a indo-européia.

A família semítica é formada por diversas línguas, entre elas o hebraico e o aramaico: duas das línguas nas quais a Bíblia Hebraica foi escrita, conhecida pela cristandade como “Antigo Testamento”. Essas línguas são faladas até hoje.

A família indo-européia é a mais estudada, pois a maioria das línguas estão vivas e são faladas principalmente no mundo ocidental. A língua grega (utilizada na Septuaginta - tradução grega do “Antigo Testamento”, e no Novo Testamento)

Línguas bíblicas: o hebraico, o aramaico e o grego.

Bons estudos!!!

Prezado Aluno o resumo não substitui o livro de ensino, trata-se de um auxílio na orientação de estudos, devendo para a avaliação o mesmo estudar e rever as aulas ao vivo e também conceituais.